

O Padre Cruz nasceu há 160 anos



Padre Cruz, Estudante em Coimbra, 1880

GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ



PRECES PARA UMA NOVENA

Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

Abertura	pág. 2
Relato da Vida do Padre Cruz.....	pág. 3
Traços duma vida	pág. 12
Mês de MAIO - A Devoção do P. Cruz.....	pág. 18
Aniversário de Nascimento do Padre Cruz.....	pág. 20
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 21
Campanha de Missas	pág. 24

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

PADRE CRUZ: 160 anos de nascimento

Celebrar os 160 anos do nascimento do Padre Cruz, não pode deixar de ser festa para todos os seus familiares, conterrâneos, devotos, padres e irmãos da Companhia de Jesus de que era membro, clero de Lisboa e de Setúbal, povo de Deus da Igreja de Portugal. O nosso “santo” merece que cuidemos bem desta celebração, que a tomemos a peito, que a celebremos em acção de graças a Deus. Quanto há a agradecer dos dons e graças concedidas ao Padre Cruz. Quanto há a agradecer do bem e do amor que ele soube distribuir e dar a tantos e tantos durante a vida. Quanto há a agradecer por tantas graças que tem alcançado depois da sua morte. Dêmos graças ao Pai do Céu pelo dom precioso da vida e obra do Padre Cruz.

Todos estamos de parabéns. Os seus familiares e conterrâneos. Os membros da diocese de Lisboa, a que pertenceu durante longos anos, onde foi ordenado sacerdote, no seu Paço Episcopal, em São Vicente de Fora, a 3 de Junho de 1882. Os membros da actual diocese de Setúbal, pois nasceu em Alcochete a 29 de Julho de 1859. Os membros da Província Portuguesa da Companhia de Jesus onde fez os seus votos a 3 de Dezembro de 1940, e na qual faleceu a 1 de Outubro de 1948. Os muitos devotos em Portugal inteiro e no estrangeiro. Todos os que lhe rezam, o veneram, lhe pedem graças. A festa é desta grande família.

Esta revista faz 70 anos de existência, o primeiro número foi publicado em Fevereiro de 1949. Feliz coincidência. Agradecemos aos assinantes e leitores, aos anteriores diretores e responsáveis. Acreditamos que a revista tem feito muito bem a muita gente. Através dela muitos têm conhecido o Servo de Deus, Padre Francisco Cruz. Outra intenção para darmos acção de graças.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas. Obrigado!**



DOENTES E DESAMPARADOS

Doentes

O P. Cruz entendia que a doença podia ser ocasião de grande bem espiritual para as almas e punha nisso todo o seu fervor quando as visitava. Visitava-as quando era chamado e quando não era.

Um dia, estava o P. Cruz, já com 88 anos, em Lisboa, em casa de D. José de Castro, sob os cuidados do Dr. Leite de Faria, quando o chamaram para visitar, em Aveiro, um sacerdote que, devido à sua doença, tinha a sua fé muito abalada. Com efeito, por via da doença da



Padre Cruz,
desenho a carvão de Pereira Coutinho

gota, havia já onze anos, o sacerdote estava espantosamente deformado e, por isso, tinha praticamente perdido a fé. O P. Cruz, convaléscente, assim que ouviu o relato daquela situação, declarou que já estava bom da sua doença e, depois de implorar ao Dr. Leite de Faria que o deixasse iniciar tão longa viagem, assim fez, na companhia de D. José de Castro. Foram directamente ao Paco Episcopal de Aveiro, de onde se dirigiram a casa do sacerdote. Encontraram-no em pobres condições, num quarto meio às escuras. O P. Cruz levou a graça de Deus àquele sacerdote afligido com tão terrível doença e, quando o deixou, já ele estava conformado com o seu estado.



Milagres por intermédio do P. Cruz (Em vida do P. Cruz)



Casa onde o Padre Cruz faleceu, em 1948

Em 1940, D. Maria Emilia Seabra Castelo Branco tinha sido atacada pelo tifo e os médicos já tinham perdido a esperança. Mas a doente pediu à sogra que escrevesse ao P. Cruz, solicitando as suas orações e bênção. Entretanto, a doença foi-se agravando e a família já estava a pensar no funeral, pois que D. Maria Emilia já

não via nem falava. Eis senão quando abre os olhos e começa a falar. No dia seguinte, chegou a carta do P. Cruz dizendo que na véspera tinha celebrado pelas suas melhoras. Por fim, a senhora curou-se.

Diz-nos Maria Joana Mendes Leal, no seu livro *O 'Santo' Padre Cruz*, que mais milagres houve em vida do P. Cruz. Uma vez, depois de o P. Cruz ter posto numa pessoa o escapulário da Senhora do Carmo. Outra, depois de ter dado a beber água de Santo Inácio. Outra, depois de ter implorado a cura do enfermo a S. Francisco Xavier (de quem o P. Cruz era particularmente devoto).

Um dia, visitou um bebé que estava a morrer e, depois de o abençoar disse: «Vou pedir aos presos que rezem pelo menino. E o menino curou-se. A família, não tendo ficado lá muito convencida que a criança se tivesse curado devido às orações dos presos da cadeia do Limoeiro, passou a dizer que a criança era miraculada do P. Cruz. O P. Cruz, que nunca atribuía os milagres à sua intercessão, por vezes atribuía-os a fé dos doentes.

Aconselhava que se recebesse os últimos sacramentos várias vezes. Dizia que também os tinha recebido várias vezes e que ainda não

tinha morrido. Explicava que não era um sacramento de morte, mas sim de cura dos doentes, se for essa a vontade de Deus.

Quando visitava uma terra, ia sempre à cadeia e ao hospital. Visitas que demoravam horas!

Também exercia o seu apostolado entre os pecadores, a todos dando coragem com a sua visita, palavras e orações; chegava a perder o sono quando alguém estava em perigo de morrer sem se converter, como no caso de um padre que negava a religião.

Desamparados e aflitos

Que o leitor não se engane: desamparados não quer dizer pobres. Encontramos desamparados até entre as rainhas, como foi o caso da nossa Rainha D. Amélia, por ocasião da morte de seu filho D. Manuel II, de que temos (somente) a carta da Rainha ao P. Cruz, respondendo à carta de consolo enviada pelo bondoso Padre:

«Agradeço-lhe do coração a sua compaixão pela dor atroz que me tortura, e que muito me comoveu por vir de quem vem. Também agradeço a Via-Sacra e a Santa Missa por alma de El-Rei pedindo que não se esqueça de pedir a Deus também por mim, D. Amélia».

O P. Cruz ouvia todas as pessoas que se abeiravam dele com uma paciência que nunca acabava - pois só Deus sabe a paciência necessária para ouvir pessoas umas atrás das outras com problemas que ficavam a pesar na alma sensível do P. Cruz - e lia todas as cartas que lhe eram dirigidas e a todas procurava responder. Também atendia muitos pedidos de emprego.



Monumento situado junto a Igreja do Bairro Padre Cruz, em Lisboa



Quando as pessoas em casa de quem se encontrava na altura (no caso presente, as Senhoras Caldas Machado)¹ lhe diziam que talvez fosse melhor parar por ali, pois já tinha atendido muitas pessoas, o bom padre respondia: «Quando vou fazer um pedido também gosto que me atendam»².

Quando achava que não podia conseguir determinado emprego, respondia: «Ó meu irmão, eu não sei se lhe poderei arranjar o que me pede; mas uma coisa é certa, essa sim, lhe arranjo: é um lugarzinho no Céu, com uma boa confissão e uma boa comunhão!»³.

Não deixava que afastassem de si a multidão de pobres que sempre o rodeava. Disse, um dia, à Sra. D. Leonor Pombal, que o viu muito cansado: «Nosso Senhor, quando andava neste mundo, deixava que todos se aproximassem e a ninguém afastava». «O senhor P. Cruz está ainda tão combalido, é a primeira vez que sai depois da sua doença». Retorquiu à senhora: «Coitadinhos! Tenho pena que os sacudam, gosto de dizer-lhes umas palavrinhas»⁴.

Das conversas que o P. Cruz tinha com as pessoas evidentemente que não temos relatos, mas conservaram-se algumas cartas. Vou começar pela mais pitoresca que encontrei.

Uma mulher que fazia rendas pede ao P. Cruz que, como anda por muitos lugares, lhe venda as suas rendas!

Dizia o P. Cruz, muito divertido: «Nesta é que eu nunca pensei!... Eu a vender rendas por terras de fora!...»

Mas claro que isto é só um episódio aparentemente mais alegre (pois talvez que a pobre mulher tivesse grande necessidade de vender as suas rendas) entre os muitos gritos lancinantes que chegavam ao P. Cruz nas cartas que recebia.

1 O P. Cruz não tinha casa própria.

2 Maria Joana Mendes Leal, *O "Santo" Padre Cruz*, Editorial A. O. Braga, 2003, pág. 305.

3 *Idem*

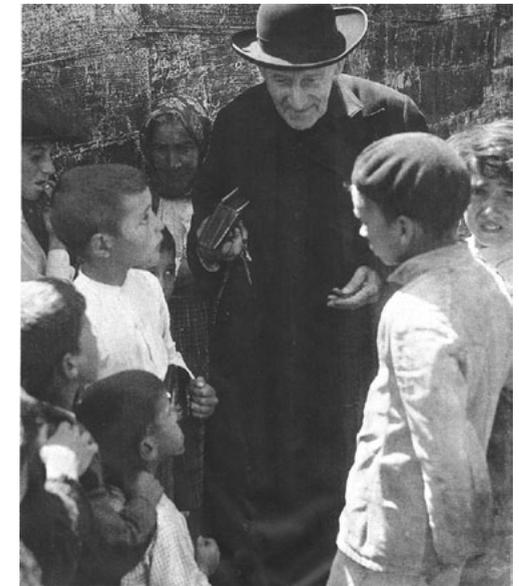
4 *Idem*, pág. 306.

Recebia cartas de esposas com os lares desfeitos:

«É uma rapariga casada, mãe de 4 filhos, que de todo o coração e com toda a fé se dirige a V. Rev.^a, numa fase má da sua vida, para vos pedir que não a esqueçais nas vossas orações. Estou casada há sete anos, e meu marido tem-me amargurado a vida. É muito estroina e boémio. Bom coração, má cabeça. De vez em quando, deixa-me e lá vai para a pândega completamente desnorreado. Tenho feito tudo quanto há para ver se o prendo a mim, mas nada tenho conseguido. Sofro com isto, porque gosto muito dele. Muito queria que V. Rev.^a me dissesse o que devo fazer».

O Padre Cruz e os Pequeninos

Uma das cartas que apresentaremos hoje veio de França. Dizia ela: «De-sejava pedir-lhe a caridade de rezar pelo sucesso de um casamento; pela minha família; pela minha sobrinha e pelo seu noivo; para que as colheitas sejam boas; para termos uma boa estação; e, sobretudo, para que eu seja fiel a Deus e o ame sempre mais»⁵



O Padre Cruz e as crianças.

5 «...Puis-je vous demander de vouloir bien avoir la bonté de prier pour la réussite d'un mariage; pour ma famille; pour ma nièce et son fiancé; pour la bonne venue de nos récoltes; pour que nous passions une bonne saison; et surtout aussi, afin que je sois fidèle au bon Dieu et que je l'aime toujours d'avantage.. (Tradução de Maria Joana Mendes Leal, *O "Santo"*, Padre Cruz, Editorial A. O. Braga, 2003, 310).



Outra carta dizia:

«Peço-lhe por uma doentinha... E por F. que está doente e sofre tanto, coitadinho. Eu queria que ele tomasse umas uvas que fazem muito bem, mas ele não as quer tomar, diga-me, senhor Padre Cruz, se devo insistir. E peço-lhe por minha filha que tem de ser radiografada para ser operada, peça a Nosso Senhor que não precise da operação. E peço-lhe por minha sobrinha que está para dar à luz e anda com muito receio, reze por ela para que tenha uma hora feliz. Peço também por meu filho e meu sobrinho para que Nosso Senhor os converta, e peço ainda por um rapaz que está doente, dizem enfeitado»...

Esta senhora punha, verdadeiramente, todas as suas preocupações nas mãos do P. Cruz. Até aquele pormenor de insistir com as uvas ou não.

O P. Cruz e os Intelectuais

Embora o P. Cruz tivesse sido como uma mãe do Céu para muitos pobres, também exerceu a sua influência santa nos meios intelectuais. Teve grande influência em Leonardo Coimbra. Este foi um filósofo, professor universitário e político nascido em 1883 e falecido em 1936. Converteu-se ao Catolicismo em 1935, por intermédio do P. Cruz. Leonardo Coimbra, que tinha sido Ministro da Instrução, na República, em 1919 e 1923, não era capaz de acreditar em Deus porque muitas dúvidas filosóficas lhe sobrevinham. Mas um filho foi atacado pela tuberculose e um amigo disse-lhe que Deus podia salvar o seu filho e falou-lhe nos milagres de Lourdes. Leonardo remeteu o amigo para a sua mulher. No entanto, o amigo insistia que um milagre podia salvar o filho de Leonardo



Leonardo Coimbra

Coimbra, mas que era preciso ter fé. E Leonardo Coimbra estava deseioso de ter fé, mas o dom não lhe batia à porta. O seu amigo, Marques Gomes, sabendo que Coimbra já tinha debatido longamente os problemas da Religião com vários sacerdotes, entendeu que ele não precisava de mais discussões, mas de um santo. Por isso mesmo, aconselhou o amigo a falar com o P. Cruz. E Leonardo Coimbra, que não tinha fé - recordemo-lo - escreveu o seguinte bilhete ao P. Cruz:

«Ex.mo Senhor

Espero-o para me confessor. Entrego às suas orações a saúde de meu filho, estudante de medicina, doente de congestão pulmonar, há meses.

Em Nosso Senhor Jesus Cristo, o irmão indigno, Leonardo Coimbra».

Ao que António Marques Gomes acrescentou um cartão de visita: «Este bilhete é do livre-pensador Leonardo Coimbra que muito conviria visitasse».

O P. Cruz não se fez esperar. Dois ou três dias depois, batia à porta do Professor Leonardo Coimbra. Conversaram e (sabe-se), a certa altura, o P. Cruz desfecha: «Ajoelhe-se!» Leonardo Coimbra confessou-se. Dali a pouco tempo casaria religiosamente, cerimónia presidida pelo P. Cruz, em que comungou com a sua mulher. Dá-se então um pormenor curioso. Finda a estadia em casa do filósofo, o P. Cruz toma o comboio para Lisboa e o Professor vai despedir-se à estação. Quando avista o P. Cruz, Leonardo Coimbra deita fora o magnífico (charuto) havano. Algumas pessoas estranharam, visto o Professor estar sempre a fumar os seus charutos. Ao que ele respondeu: «Também nunca fumei perante o Presidente da República». As duas figuras nunca mais se encontrariam.

O P. Cruz contribuiu também para a conversão do Conselheiro Luis de Magalhães, jornalista, poeta, monárquico, que privou com Eça de Queirós, que lhe prefaciou um livro, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Oliveira Martins, Carlos Lobo d'Avila e outros.



«O seu lar foi “calmo e venturoso”¹. E ele, afastado das práticas religiosas, respeitou sempre a fé e a piedade da mulher e dos filhos»². Mas um filho foi para a I Guerra e veio de lá gaseado e condenado. Três dias antes de morrer, pediria ao Pai que se confessasse. O Pai jurou-lho. Mas não tinha fé. Como havia de cumprir o seu juramento? O P. Cruz é que lhe havia de valer. Na família, ouviram falar nele a duas figuras eminentes, os Drs. Pedro Mouzinho de Mascarenhas Gaivão e Alberto



Padre Cruz, Braga, 1933

de Oliveira, então ministro de Portugal em Bruxelas. Convidaram o P. Cruz para pregar o tríduo da festa do Sagrado Coração de Jesus. O Conselheiro Magalhães foi assistir e o P. Cruz propôs que houvesse, também, pregação noturna só para os homens onde, prevenido, expôs assuntos que podiam tocar a alma do Conselheiro. No último dia do tríduo, propôs que se consagrasse a Quinta do Mosteiro, habitação da família Magalhães, ao Coração de Jesus. Assim se fez. O ambiente é de muita emoção, pois as evocações do filho falecido são constantes. No fim, na sala ficam apenas uma das filhas da casa e o P. Cruz. Este diz à menina que queria ter uma conversa particular com o pai. O Conselheiro acaba por se confessar e, saindo da sala, vai ter com a família dizendo, muito emocionado, que no dia seguinte todos comungarão juntos.

O P. Cruz, sacerdote

Vamos agora fazer uma breve introdução à vida sacerdotal. E o que é o sacerdote? No dizer daquele expoente do ideal sacerdotal que foi o Santo Cura d’Ars: «O Padre é qualquer coisa de grande!

¹ Luís de Magalhães, *Primeiros Versos*, citado em *Idem*, 319.

² *Idem*, 319.

O Padre só se compreenderá bem no Céu. Se o compreendessem sobre a terra, morreriam, não de temor mas de amor. Se se tivesse fé, ver-se-ia Deus escondido no Sacerdote como uma luz por detrás de um vidro, como o vinho misturado com água»³.

Para o P. Mateo Crawley, «de todos os sacerdotes que encontrou nas suas pregações à roda do mundo, o Padre Cruz é aquele que mais lhe lembrou o Cura d’Ars»⁴.

O Padre Cruz foi o protótipo do padre, homem de Deus»⁵.

P. Gonçalo Miller Guerra, sj

Textos publicados na revista “Cruzada”, Agosto-Outubro 2018

³ *Idem*, 329.

⁴ L. M. Metzinger, ss.cc., em carta de 2-8-1952, citada em *Idem*.

⁵ *Idem*, 331.

Caros Leitores e Amigos:

Podem agora encontrar os artigos que temos vindo a publicar, maravilhosamente escritos pelo P. Gonçalo Miller Guerra, sj, num só livro com 96 páginas.

“A Vida do Padre Cruz”, está disponível no Secretariado da Causa de Beatificação do Padre Cruz. Não deixe de nos pedir, divulgue-o na sua Paróquia, entre os seus amigos. Vamos dar a conhecer a vida e obra exemplares deste Sacerdote que passou entre nós fazendo o bem...

Muito gratos pelo Vosso Apostolado!



Traços duma vida

O livro “Odisseia de Amor”, de que publicamos agora este capítulo, foi concebido pondo o Padre Cruz a dialogar com um interlocutor, não foi escrito, em parte alguma, pelo Padre Cruz.

Meu caro amigo, estou cansado, idoso, um pouco surdo, com algumas dificuldades em andar, já curvado e a ver mal, mas sinto que a vida que Deus foi fazendo em mim e comigo, foi uma «**odisseia de amor**». Com verdade, com humildade que é a verdade, sinto que me gastei por Ele e pelos irmãos. Parece-me que nunca fiz nada que não tivesse esta dimensão do amor, que me levava a amar, a servir, a dar-me sem medida. Como S. Paulo, posso dizer-te: «Deus sabe que não minto». Gostava de te contar os traços da minha vida, mas sobretudo as paixões que me dominaram, as amizades que consegui estabelecer, o imenso trabalho pelo Reino, a vida sacerdotal vivida com encanto, a minha devoção a Nossa Senhora, os milhares de terços que rezei, as inúmeras vezes que celebrei Missa e administrei sacramentos, sobretudo o da Confissão, as minhas andanças apostólicas, etc. Vamos a ver se a minha cabeça, a minha memória já cansada e gasta, não me deixa mal. Gostava de partilhar contigo, meu caro amigo, a «**odisseia de amor**» que Deus foi realizando. Vamos conversar um pouco. Dir-te-ei tudo o que me lembrar e a verdade e simplicidade mo permitirem. Espero que guardes em ti estes pedaços



de divino, estes caminhos do amor, estas graças de Deus, estes tesouros que Ele me deu.

Gostava de te contar muitas das coisas belas e maravilhosas que Deus fez em mim e que me ajudou a fazer nos outros. Olha, comigo, esta mão direita... nem tu nem eu podemos contar quantas vezes ela fez o gesto de absolver pecados, quanto dinheiro e bens repartiu, quanta criança acariciou, quanto foi portadora de gestos de amor para com doentes, pobres e pecadores. Como vês, agora está gasta, com rugas, quase só pele e osso, mas foi portadora de muitos gestos de amor. E creio bem que te podia dizer que foi assim, em toda a vida, que ocupei e usei o corpo, os sentidos, o tempo, o coração, a gastar-me numa contínua «**odisseia de amor**». Acredita que sempre procurei que o norte da minha vida fosse Deus e o seu amor, que nunca me interessaram vaidades, elogios, riquezas, triunfalismos. Deus, no seu amor, foi-me concedendo este dom: ser d'Ele para os outros. Agora, idoso e cansado, já sem poder sair de casa, recordo com encanto as ternuras de Deus, nesta «**odisseia de amor**». E foram tantas e tão divinamente maravilhosas!!! E, por isso, sabes, que levo o dia e boa parte da noite a agradecer, a cantar baixinho o «Te Deum», a dizer como Nossa Senhora: «Deus fez em mim maravilhas».

Acredita, caro amigo, que me não envaideço. Sei que sou pecador, tenho bem consciência dos meus pecados e fragilidades. Tudo foi obra d'Ele e não minha. Não tenho motivo nenhum para me envaidecer, mesmo quando me chegam aos ouvidos palavras e elogios, a dizer que sou «santo». Quando o povo simples me beija a mão e me diz: «o Sr. Padre é um santo», quando os mais eruditos e até alguns colegas no sacerdócio insinuem o mesmo com outras palavras, eu, cá por dentro, sinto que se enganam, pois sei que sou pecador. De facto, tenho lutado muito, sempre, cada dia, para ser Santo. Só Deus que é Santo nos pode santificar com o seu Espírito. E todos somos santos, como tu sabes, desde o dia do baptismo. E se um santo é um pecador que luta, então sim, a minha vida tem sido uma luta muito grande pela santidade. Parece-me, penso que estou a ser sincero contigo e com Deus, que nunca quis outra coisa: ser santo, trabalhar pela santidade, pedindo sempre muito a Deus essa grande graça.



Como sabes, o meu nome de baptismo é Francisco¹. Desde muito novo, procurei saber muito da vida e do modo de ser e amar de Francisco de Assis, o pobre, o santo do presépio e do calvário. Apaixonei-me por essa pobreza e não quis nunca outra coisa para mim próprio e para a minha vida. O santo de Assis² lançou-me para o Evangelho naquilo que Ele tem de pobreza e humildade. Fui-me encantando cada vez mais por Jesus pobre e humilde e nunca quis, parece-me, centrar o meu ser e o meu coração senão n'Ele. Mas descobri na vida outro Francisco, também santo, o de Xavier³, apóstolo do Oriente. Às vezes até lhe chamo o meu irmão Francisco, pois como sabes, sempre desejei entrar na Companhia de Jesus, ser jesuíta, e agora, já no fim da vida, concederam-me essa graça enorme, imensa. Francisco Xavier foi-me apaixonando pela missão apostólica, pela ânsia de me dar na pregação, no ministério sacerdotal, nas Missões, no trabalho sempre mais ardente e apaixonado por Jesus. Quis sempre imitá-lo e ser um jesuíta à sua semelhança. Já leste alguma vez uma vida de S. Francisco Xavier? Olha que é uma coisa que tenho aconselhado a muita gente. Temos que aprender a ser apóstolos, evangelizadores, missionários a tempo inteiro. Ele, com a sua extraordinária vida, é mestre, é contínuo incentivo a ser um baptizado comprometido no mundo, a ser fermento para transformar a sociedade. Outro Francisco pouco conhecido, mas que sempre me interessou muito, foi um santo francês, também jesuíta, chamado Francisco de Régis⁴.

Santificou-se a pregar nas aldeias e nas vilas, a fazer «missões», a confessar, a exercer a tempo pleno o ministério sacerdotal. Nada mais do que isso (e não era preciso mais nada), do que dar-se, viver o sa-

1 Baptizado em Alcochete, a 25 de Fevereiro de 1860.

2 Francisco de Assis nasceu em 1182. Fundou a Ordem Franciscana. Morreu em 1226. Com Santa Clara, fundou a Ordem das Clarissas, Adoradoras de Clausura.

3 Nasceu no Castelo de Xavier, Pamplona, Espanha, a 7 de Abril de 1506. Um dos primeiros companheiros de Inácio como fundador da Companhia de Jesus. Partiu para Goa em 1541, a pedido do nosso Rei D. Joao III, grande amigo e benfeitor da Companhia de Jesus, tendo aí chegado em 1542. Depois de 10 anos de intenso trabalho apostólico, morreu a 2 de Dezembro de 1552, na ilha de San-Choan, em frente de Cantão, com 46 anos. Foi canonizado em 1622, no mesmo dia que Inácio de Loiola.

4 Francês, nasceu em 1597, morreu no dia 31 de Dezembro de 1640 e foi canonizado por Clemente XII em 1737.

cerdócio a tempo inteiro. Pregava e confessava, administrava outros sacramentos, vivia todo para todos. Nas minhas andanças apostólicas, Francisco de Régis foi um santo que sempre me entusiasmou, me deu alento, foi amparo e ajuda, foi exemplo e intercessão.

Por causa de Jesus, que eles, os santos, amaram e pelo Qual deram a vida, é que eu vivo esta «**odisseia de amor**». Sei que não tenho grande mérito, que não tenho mérito nenhum, que tudo foi graça, mas queria dizer-te um segredo: «Jesus tocava-me por dentro, fazia-me arder o coração, queria sempre mais de mim, inspirava-me a dar-me sem medida, a não ter reservas no dom». Não estou arrependido. Agora, idoso e cansado, quando olho para trás, consola-me esta vida em que me dei todo e sempre a Deus e só me pergunto porque é que não há mais jovens, mais homens, mais sacerdotes a viver assim, imitando S. Paulo, fazendo-se tudo para todos. Não negar nada Aquele que nos dá tudo. É que Jesus, cá bem dentro de mim, me foi dizendo sempre que, na lógica do Evangelho, quem não deu tudo, ainda não deu nada. Os santos, sobretudo aqueles de que te falei há pouco, sempre me ajudaram a perceber esta lógica do amor, que me lançou para uma vida em dom, em dádiva, em entrega, em «odisseia».

Porque tudo começou no dom do baptismo é que eu, sempre que ia a Alcochete⁵, como sabes, a terra onde nasci, com gosto e veneração beijava a fonte baptismal, a «pia baptismal» onde Deus me fez seu filho, onde a Trindade veio habitar o meu ser, onde o Espírito me ungiu, onde Jesus passou a ser meu irmão, onde entrei na Santa Igreja, o Povo Santo de Deus. Sinto muito, meu caro amigo, que a maioria dos cristãos ainda não entendeu bem o dom precioso do baptismo, essa primeira graça «mística» que Deus nos concede. Daí vem, como em canal, outras graças e dons. Estou certo que se apreciássemos mais o baptismo, toda a nossa vida tinha outra dimensão. Tu sabes onde foste baptizado? Vais lá recordar esse dom? Não tenhas vergonha de beijar, com devoção, essa fonte onde foste feito filho de Deus. Prepara-te um pouco, reza o Credo, beija com unção a fonte baptismal,

5 Nasceu em Alcochete, a 29 de Julho de 1859. Era o quarto filho de Manuel da Cruz e Catarina de Oliveira.



dá graças pelo dom do baptismo, examina que cristão tens sido. Olha que eu fiz isso muitas vezes e sinto que me fez muito bem.

Calcula tu que a primeira vez, já rapaz, que consegui ler o assento do meu baptismo⁶, o nome dos padrinhos, a assinatura do sacerdote que me baptizou, me vieram as lágrimas aos olhos. Fico sempre enternecido com os dons do amor infinito de Deus. Louvo e bendigo. Fico-me, muitas vezes, silencioso a contemplar as suas graças. E tenho a consciência que nunca dou graças suficientes por tanto bem recebido. São sempre um caudal enorme, um abismo de amor, um oceano de graças e dons. Não achas que não posso deixar de agradecer? Deus, desde o baptismo, fez em mim tanto bem!!! Realizou tanto dom misterioso e encantador, fez brotar a água viva como verdadeiro caudal de graça. Bendito seja Ele.

A minha família era modesta e vivia, no dia-a-dia, do trabalho humilde mas são e recto. Nunca me envergonhei da família que tive, da casa onde nasci, desse lar onde me começaram a educar, desses inícios da minha infância e da minha adolescência. Recordo muitas vezes em oração agradecida os meus pais e rezo muito por eles, lembrando-os sobretudo na Missa diária, pois sinto que é uma obrigação filial. Recordo os meus irmãos, Os companheiros da escola, os mestres, os párocos. Recordar é viver. Mas recordo tudo em oração, pois sinto uma grande dívida de gratidão e sinto-me bem a rezar por todos. Se sou hoje o que sou, devo muito a toda essa gente admirável que me ajudou e me formou, que me fez ser homem e ser sacerdote.

Como foram bons os anos em que estudei, em Coimbra, na Faculdade de Teologia⁷ e me preparei para ser padre. Foi aí que Deus me «rasgou» um pouco mais os olhos da alma e me começou a seduzir e a fazer ver de outro modo a vida, a natureza, as pessoas, os

⁶ Os seus padrinhos de baptismo foram Nossa Senhora e D. Francisco Pereira Coutinho. Cf. Maria Joana Mendes Leal, *O Santo Padre Cruz*, Braga: Ed. A.O., pág. 26.

⁷ Depois dos estudos secundários, em Lisboa, de 1868 a 1875, foi estudar para Coimbra, frequentando a Faculdade de Teologia, durante cinco anos, ou seja, de 1875 a 1880. Ai conheceu, através da Congregação Mariana, vários jesuítas que seriam, alguns deles, missionários da Índia, como o P. José Antunes. Também contactou o lente da Universidade, Doutor António Sebastião Valente, que foi depois ilustre Patriarca das Índias.



acontecimentos. Foram graças após graças, num crescendo de amor. Deus, como um divino pedagogo, para lá dos mestres, dos professores, dos livros, me foi ensinando muitas coisas. Foi Ele, acredita meu caro amigo, o meu grande Mestre. Tenho pena, isso sim, de não ter aprendido mais e melhor, de não ter sido discípulo mais fiel e mais cumpridor.

O dia da minha ordenação sacerdotal⁸ foi verdadeira festa. Vivi momentos que ainda hoje lembro com grata emoção e não menor devoção. Ser sacerdote, partilhar o sacerdócio de Cristo é algo empolgante, maravilhoso, é dom e graça, é missão e serviço. Tudo, depois, vem desse gesto da imposição das mãos do Bispo e da unção do Espírito Santo. As minhas Mãos, agora velhas e secas, foram unguidas com o óleo santo. Parece que ainda sinto esse perfume que me inebriou intimamente. Acreditas, meu amigo, que a graça do sacerdócio é a maior nobreza que a um homem pode ser concedida? Já alguma vez pensaste em seguir Jesus Sacerdote e entregares-te a Ele para sempre, servindo-O na Igreja e nos irmãos? É um sonho bonito que poderias acalantar em teu coração... Pensa nisso, está bem?

Havemos de continuar a nossa conversa. Tenho muitas coisas a contar-te. E sinto que Deus gosta que eu as conte para fazer algum bem aos outros. Amanhã conversaremos mais um pouco.

Dário Pedroso, S.J.,
Odisseia de Amor, pp. 11 a 17.

⁸ Foi ordenado sacerdote, a 3 de Junho de 1882, pelo Cardeal D. José Neto, Patriarca de Lisboa.

Pode pedir este livro, *Odisseia de Amor*, no Secretariado da
Causa de Beatificação e Canonização do Padre Cruz



MÊS DE MAIO - A DEVOÇÃO DO P. CRUZ

NOSSA SENHORA DA CARIDADE

1º Introdução. Mês de Maio, Mês da primeira aparição da Senhora em Fátima, mês dos mistérios rezados e contemplados, das contas passadas pelos dedos, do coração centrado em Maria e com Ela em Jesus. Ela é a Senhora das virtudes, a Mãe da divina graça, a Mãe dos consagrados, a Senhora da Paz, a Mãe da Igreja e da Humanidade. Nossa Senhora pediu-nos o terço diário, pela conversão dos pecadores, pela paz e unidade da Igreja. Que grande intenção, que necessidade urgente. Como vou fazer? Como vou levar a comunidade, a família, o grupo cristão a que pertencço, a viver esta intenção? Os catequistas? Os movimentos nas suas reuniões? As famílias? Com Maria e Jesus, em comunhão e unidade com o Papa e com a Igreja. Era assim que rezava e pregava o Padre Cruz. Terço atrás de terço, nas viagens, nas caminhadas a pé, no comboio, pondo todos a rezar com ele, na cadeia que visitava, etc. Mas a oração deve levar-nos à caridade. Era assim na vida do P. Cruz.

2º Cheia de graça. Plena de graça, que é a vida de Deus, a vida da Trindade, Maria é plena de amor, pois Deus é Amor. A Mãe do amor formoso, a Senhora da caridade. Aprender com Ela a amar, a amar mais, a amar melhor, a ser sempre amor dedicado, serviço generoso, doação de vida e de coração sobretudo com os mais pobres, mais



doentes, mais necessitados, mais carecidos. Amor nas palavras, nos gestos, nos olhares, na partilha de bens e de vida, de escuta e atenção, de abertura a todos, de visita e presença junto dos pobres, dos doentes, etc. Que vamos fazer de mais e de melhor? Como poderemos ajudar a comunidade a ser lugar, espaço, vida em que se ama e se deseja amar mais? E o mesmo na família? Dentro dos movimentos da igreja.

3º Senhora da caridade. Contemplar alguns passos evangélicos da vida da Senhora.

- a) **Visitação:** vai apressada pois Isabel precisa d'Ele, mas fica três meses ao serviço, na ajuda e na presença amiga e carinhosa, dedicada e fraterna, serviçal. Meses em que agiu em caridade em muitos aspectos.
- b) **Caná:** Com atenção amorosa, a Senhora está atenta e vai remediar uma situação que seria uma vergonha para os noivos e família. Jesus vai fazer o primeiro milagre. Caridade que se antecipa e que pede, que ajuda.
- c) **Calvário:** Oferece a vítima e oferece-Se com Ela. O acto mais sublime e mais solene do amor de Nossa Senhora. Nunca amou tanto como ali, oferecendo o fruto bendito de seu ventre. Caridade a toda a prova, heróica. Ser vítima com Jesus para que o mundo tenha vida e vida em abundância.
- d) **Cenáculo:** Mãe orante com os apóstolos, ajudando, alentando, rezando com eles à espera do Pentecostes, também é amor, caridade eloquente. Aprender com Ela a rezar com os outros, a rezar em família e em comunidade. Ser esteio que suporta a oração. É o mistério da nossa vocação.
- e) **Céu:** Depois da Assunção, junto da Trindade, Maria intercede, reza, exerce a caridade para com a Igreja e a humanidade. Tem-nos em seu Coração, preocupa-Se connosco. Guarda-nos em seu Coração Imaculado.

Vice-Postulador da Causa de Beatificação do Padre Cruz





160º Aniversário do Nascimento do “Santo” Padre Cruz

**29 de julho,
segunda-feira**

Convidamos todos os devotos e amigos da Causa do Padre Cruz a juntarem-se a nós nesta celebração.

Para assinalar esta data especial, será celebrada **Missa na Igreja Paroquial de S. João Baptista, em Alcochete***, pelas **10h30**, presidida por D. José Ornelas, Bispo de Setúbal.

O Jazigo onde estão os restos mortais do Padre Cruz estará aberto para oração e visita entre as 9h00 e as 17h00.

***Transporte público:** Autocarro TST n.º 432 da Gare do Oriente-Lisboa para Valbom, paragem em Alcochete, junto à Igreja S. João Baptista.

Regressar: Autocarro TST n.º 431 de Montijo com paragem em Alcochete (Igreja de S. João Baptista), para Gare do Oriente-Lisboa.

Horários: Partida de Gare do Oriente às 9h30.
Partidas de Montijo às 11h45 e 12h15, via Alcochete.

Agradeço ao Padre Cruz por...

O Padre Cruz me ter ajudado quando estive bastante doente com uma gripe muito forte, já faço a minha vida quase normal. Pedi pelo meu filho, que foi viajar nas férias da Páscoa e tudo correu normalmente, pedi também pelo meu outro filho, devo ao Padre Cruz o seu emprego, já passaram alguns anos e lá continua.

M. Lopes (Coimbra);

Todas as graças que tenho recebido ao longo da vida. Especialmente pelo meu marido não precisar de ser operado. Muito obrigado ao meu amigo Padre Cruz.

Júlia Ramos (Amadora);

Após me ter sido diagnosticado um pólipó pré-maligno no estômago e depois de vários exames, tudo indicava que tinha de ser removido com urgência, o que assim aconteceu. Recorri ao meu “Santo” Padre Cruz desde o início da situação e o resultado do pólipó retirado foi negativo. Agradeço esta e outras graças recebidas, bem como a sua proteção.

Maria Teresinha Silva (Almada);

Ao recorrer ao meu *Santinho* Padre Cruz, aquando de um problema de saúde, ter sido atendida, como sempre.

Daniela Freitas (Algueirão);

O bom Padre Cruz me ter ouvido no pedido de boa gravidez e do bom parto do menino da minha filha, na Alemanha.

Maria Ermelinda Martins O. Matos Costa (Lisboa);



As imensas graças que tenho recebido unicamente por intercessão do bondoso Padre Cruz. O fato do meu filho ter arranjado emprego na sua área após o curso e também a boa morte da minha mãe, devota fervorosa do “Santo” Padre Cruz.

Maria José Carvalho Taveiro (Amarante);

Por ter-me ouvido nas minhas orações. Fiz a sua novena pedindo que estivesse tudo bem com a mamografia que a minha filha fez e assim aconteceu. Agradeço a Deus Nosso Senhor ter-me atendido por intercessão do nosso Padre Cruz e de Nossa Senhora. Muito obrigada.

Maria Teresa Abreu (Coimbra);

Ter ajudado uma senhora, minha amiga, que começou a ficar vermelha numa face, inchada e com muita comichão. Foi ao médico, tendo-lhe este dito que teria de ser operada. Oito dias antes da operação esta senhora, que vive em Gondomar, veio até Lisboa fazer uma visita ao Padre Cruz. Rezou e pediu ajuda para a sua cura. Passados três dias foi a uma consulta e a médica, depois de a observar disse-lhe que já não necessitava da operação. Agradece ao “santo” Padre Cruz a graça recebida.

Irene da Silva (Gondomar) (Enviado pelo A.O.);

Pedi ao Padre Cruz para arranjar emprego ao meu sobrinho, que estava desempregado. Ele ouviu-me. Confio que o Padre Cruz estará sempre ao lado do meu sobrinho e não o vai desamparar.

Fernanda Silva (Alfarelos);

Me ter salvo e restituído a saúde. Tenho problemas respiratórios e quando me surgia uma crise ia à urgência do Hospital fazer inalações e no fim regressava a casa. Um dia, na urgência, tive uma paragem cardiovascular respiratória e fiquei em coma mais ou menos duas semanas. Para espanto dos médicos e de todos os que me rodeavam acordei, o que atribui ao meu amigo e companheiro, que anda sempre comigo, “Santo” Padre Cruz.

Aurora dos Anjos Fernandes (Porto).



*Deram
Esmola
e Agradecem
Graças*

Maria Sameiro Ferreira Peixoto Cardoso (Vila Nova de Gaia); Albertina Garcia Borges Leal (Vila Nova de Gaia); Horácio Domingos Vaz (Rio Torto); Manuel Araújo Amorim (Alcabi-deche); Sofia Botelho (Gustine, EUA); Carolina Pinto Gomes (Porto); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Isabel Catum Lourenço e Susana Lourenço; Engrácia de Jesus Ribeiro (Braga); Olívia Machado Abreu (Guimarães); Maria Silva Vieira Antunes (Braga); Arlette Teixeira (Braga); Sara Gonçalves (Braga); Edviges Guerreiro Rilho (Baixa da Banheira); Maria do Rosário Bernardes (Odivelas); Annette Deville (Havelange, Bélgica); Adriana Calisto (Missauga, Canadá); Maria Amélia

Santos Moreira (Cascais); Maria Fernanda Braguez Campos (Coimbra); Almerinda Martins Gonçalves (Aguada de Cima); Linda Rosa Nunes Rocha da Silva Couto (Penafiel); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); Maria Nunes Medeiros (Cedros das Flores, Açores); Rosa Maria Valinhas (Lousada); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Margarida Alves Esteves (Chaves); Manuela Alice Oliveira Matos (Porto); Fernanda de Oliveira Bento Valverde (Coimbra); Maria Adélia Granja (Lisboa); Precília da Conceição Catarino, Lena Maria Saraiva, Carmen Beatriz Martinho e Zulmira Lino Amaro (Trevões); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Maria Lourdes Melo (La Mesa, EUA); Cristina Quintas (Figueiró dos Vinhos).





Santuário de Santa Luzia,
Viana do Castelo

*Mandaram
celebrar Missas
pela Beatificação
do Padre Cruz*

Maria Arménia Agria (Coimbra); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Maria Beatriz Gomes Guerra (Benavente); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Joaquim Manuel Pé Curto (Costa da Caparica); António Xavier Forte (Escudeiros, Braga); Maria Manuela dos Santos Pereira, Paula Henriques, Marília Curto, Dália Henriques (Lourinhã); Ester Tourais Fernandes (Vilar Formoso); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Bernardo Fernandes (Almada); Maria Helena Ribeiro Lages (Braga); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Maria Phoebe Castro Henriques (Porto); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Vitória Ribeiro; Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Maria do Carmo Albuquerque (Lisboa); Augusta Branca Jesus Marcos (Odivelas); Maria Rosado Jesus (Amadora); Maria Cecília Marques Pereira da Nóvoa (Porto); Eva Santos (Petaluma, EUA); Maria do Rosário de Fátima de Jesus Batista (Coimbra); Maria de Lourdes da Silva Valente Almeida (Salreu); Fernanda A. Gil Ferreira (Pombal).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

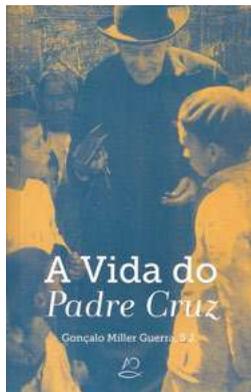
Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Director do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Director Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos:	30-12-1971

NOVO LIVRO **A VIDA DO PADRE CRUZ**

Gonçalo Miller Guerra, S. J.

O Padre Francisco Cruz foi um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo. Falecido com fama de santo, em 1948, o seu processo de beatificação foi entregue à Santa Sé em 1965. Esta breve biografia pretende reavivar a sua memória, hoje muito apagada, mesmo entre os católicos portugueses.

1ª edição: 5€

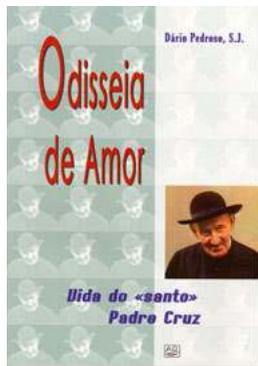


ODISSEIA DE AMOR - **Vida do "santo" Padre Cruz**

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

1ª edição: 7€

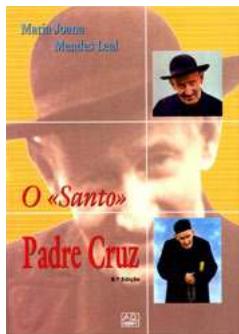


O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€



Pedidos de livros: Secretariado da Causa do Padre Cruz,
na sua Livraria ou na Editorial A. O., Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA

GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J.

REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade, Edição e Redação: Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ
Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA - Te1ef.: (+351) 218 860 921

Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão: Gráfica Almondina * Sede do Impressor: Progresso e Vida, Lda.

Zona Industrial * Rua da Gráfica Almondina * 2354-909 Torres Novas

Dépósito Legal n.º 17.244188 - Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita